

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 34 No. 3 Setembro – Dezembro 2021
Edição Especial: Tecnologias Perecíveis

ARTIGO

ADORNOS CORPORAIS EM MATERIAIS ORGÂNICOS NOS ENTERRAMENTOS PRÉ-HISTÓRICOS DO NORDESTE NO BRASIL

Camila Ferreira*, Daniela Cisneiros **

RESUMO

Os adornos corporais são considerados elementos materiais que marcaram a existência do simbolismo e da cognição dos primeiros indivíduos do gênero *Homo* e são concomitantes a outras manifestações simbólicas, que, por vezes, não deixaram marcas visíveis no registro arqueológico. Dados etnográficos demonstram que tais adornos, em sua maioria, são produzidos em materiais leves e orgânicos. A deposição funerária permite um melhor acondicionamento desses materiais, assim como uma melhor contextualização arqueológica. Esta pesquisa teve por objetivo analisar os adornos confeccionados em materiais orgânicos e identificados em contexto funerário pré-histórico em 10 sítios no Nordeste do Brasil. Os dados permitiram inferir que os grupos que habitaram essa região utilizavam-se de diversas tipologias adornais, confeccionadas em distintas matérias-primas (ossos, dentes, conchas, palhas, sementes). Esses registros estão inseridos em cronologia a partir de 10.000 anos B.P, com maior concentração e diversificação entre 2000 e 1000 anos B.P.

Palavras-chave: adornos; material orgânico; enterramentos.

* Mestre em Arqueologia – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Brasil.
E-mail: camilaferreirasantos12@gmail.com.

**Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Departamento de Arqueologia.
E-mail: danielacisneiros@yahoo.com.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1495-0069>.

BODY ADORNMENTS ON ORGANIC MATERIALS IN PREHISTORIC BURIALS IN NORTHEASTERN BRAZIL

ABSTRACT

Body adornments are considered material elements that marked the existence of the symbolism and cognition of the first individuals of the genus *Homo* concomitant to other symbolic manifestations, which did not leave visible marks in the archaeological record. Ethnographic data shows that most of them are produced from light and organic materials. The funerary deposition allows better conditioning of these materials, as well as a better archaeological contextualization. This research aimed to analyze the adornments made from organic materials and identified in a prehistoric funerary context in 10 sites in Northeast Brazil. The data allowed us to infer that the groups that inhabited the region used different types of adornments, made from different raw materials (bones, teeth, shells, straw, seeds). These records are inserted in chronological order starting in 10,000 years B.P., with greater concentration and diversification between 2000 and 1000 years B.P.

Keywords: ornaments; organic material; burials.

ADORNOS CORPORALES EN MATERIALES ORGÁNICOS EN SEPULTURAS PREHISTÓRICAS EN EL NORESTE DE BRASIL

RESUMEN

Los adornos corporales son considerados elementos materiales que marcaron la existencia del simbolismo y de la cognición de los primeros individuos del género *Homo* concomitantes a otras manifestaciones simbólicas, que, en ocasiones, no dejaron marcas visibles en el registro arqueológico. Datos etnográficos muestran que la mayoría de ellos se producen en materiales leves y orgánicos. El depósito funerario permite un mejor acondicionamiento de estos materiales, así como una mejor contextualización arqueológica. Esta investigación tuvo como objetivo analizar los adornos fabricados con materiales orgánicos e identificados en contexto funerario prehistórico en 10 sitios arqueológicos del noreste de Brasil. Los datos permitieron inferir que los grupos que habitaban la región utilizaban diversos tipos de adornos, elaborados con distintas materias primas (huesos, dientes, conchas, paja, semillas). Estos registros se ubican en cronología a partir de los 10.000 años A.P., con mayor concentración y diversificación entre los años 2000 y 1000 A.P.

Palabras clave: adornos; material orgánico; sepulturas.

INTRODUÇÃO

O início da consciência simbólica dos *Homo sapiens* é um dos assuntos mais debatidos atualmente. Dentre os modelos propostos para elucidar tal questão, podem ser observadas as práticas rituais de enterrar os mortos, a arte rupestre e a presença de adornos corporais, considerados como fundamentais e indícios inequívocos desse conhecimento simbólico (LAGROU, 2016; FERNÁNDEZ, 2006).

Os adornos são elementos que se agregam permanentemente ao corpo, como tatuagens e escarificações voluntárias; que são adicionados ao corpo, mas não modificam sua estrutura e podem ser facilmente removíveis, como colares, pingentes, braceiras, tornozeleiras, pulseiras; e que transformam o corpo, mas podem ser removíveis, como brincos, alargadores auriculares e labiais (CISNEIROS *et al.*, 2020).

O estudo dos adornos corporais nos grupos pré-históricos sobre diferentes matérias-primas forma parte de uma investigação arqueológica que se encontra em ascensão atualmente. Já é possível observar pesquisas sobre ornamentos corporais em arqueologia dedicados exclusivamente para essa temática. No Brasil e mais especificamente na região Nordeste, são verificados, com recorrência, sítios pré-históricos com adornos corporais identificados em contextos funerários que possibilitam, dessa forma, interpretações de ordem contextual, indicando a que usos se destinavam e com quais indivíduos estavam relacionados.

Os acompanhamentos funerários, dentre eles os adornos corporais depositados com os mortos, podem ser indicativos de diferenças entre sexo, idade, prestígio social e *status* adquirido durante a vida (BALDUS, 1937; NOVAES, 2006; RIBEIRO, 1987; VIDAL, 2000), atribuídos de forma hereditária ou ainda devido ao contexto de morte em sociedades igualitárias (REFRENEW e BANH, 2007).

O presente artigo destaca a caracterização dos adornos corporais em materiais perecíveis identificados em contextos funerários pré-históricos, investigando características sobre os aspectos técnicos e morfotipológicos desses artefatos. Para tanto, foram selecionados os adornos provenientes de 10 (dez) sítios localizados em Áreas Arqueológicas¹ do Nordeste do Brasil.

CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS SOBRE OS ADORNOS

A interpretação do estudo dos adornos pode ser realizada de modo mais frequente em contextos funerários e pictóricos dentro da Arqueologia Pré-histórica. Os adornos evidenciados nos primeiros contextos podem ser estudados pelo viés teórico-metodológico da arqueologia funerária, que se conceitua como a linha de pesquisa que analisa e interpreta dados funerários localizados nos âmbitos arqueológicos de grupos humanos (FERREIRA, 2020).

A arqueologia das práticas funerárias foi a primeira a se interessar pelos adornos, abrindo espaço para realizações de trabalhos sobre essa temática. A reconstrução das práticas funerárias dos grupos étnicos pode ser verificada através do estudo das variáveis biológicas, culturais, processamento do corpo e acompanhamento funerário. Para alguns autores, a morte era compreendida como um rito de passagem, e os rituais funerários tendiam a variar de acordo com a posição social do indivíduo, idade etc. Os rituais, dessa

¹ Área arqueológica é uma categoria de entrada para referenciar pesquisas arqueológicas em unidades ecológicas flexíveis. O estudo dentro de uma área arqueológica visa conhecer os processos de ocupação, adaptação e aproveitamento dos recursos disponíveis por grupos humanos que habitaram a região em tempos pretéritos (MARTIN, 2008).

forma, são entendidos como ações sociais capazes de transmitir memórias coletivas (CASTRO, 2009).

Nesse cenário, os enterramentos e todo o processo imbricado neles, seja a presença dos acompanhamentos funerários, sejam os adornos corporais e toda a carga simbólica, funcionam na manutenção dessa memória coletiva, mostrando-se capazes de rememorar esses modos de vida (CASTRO, 2009).

Para este artigo, buscou-se o auxílio de dados etnográficos e arqueológicos com a finalidade de compreender, diagnosticar ou identificar, através do estudo das sociedades contemporâneas, alguns aspectos comportamentais ou simbólicos entre os grupos humanos do passado (SILLAR, 2000).

Na Etnografia, pode-se apresentar os Marúbos, que são grupos localizados entre as cabeceiras dos rios Ituí e Curuçá, no estado do Amazonas. O artigo de Melatti (1986) apresenta os adornos utilizados diariamente e durante os rituais dos Marúbos, tais como: contas de caramujo aruá (*Pomacea canaliculata*), coco, miçangas, plástico, dentes de animais e fios de algodão. O autor apresenta uma lista de adornos utilizados pelos Marúbos e entre elas são demonstrados alguns com usos apenas para mulheres, como as pulseiras finas e os cordões-pulseiras; para os homens, como as pulseiras largas e as braçadeiras largas; e, para as mulheres e crianças, como as bandoleiras. O autor ainda afirma que o modo de disposição dos adornos de contas utilizados pelos Marúbos se distingue de outros grupos indígenas na região como um traço de auto identificação tribal.

Os Marúbos raramente retiram seus enfeites corporais. Melatti (1986) menciona que nem durante suas atividades cotidianas como coleta, limpeza e caçadas os adornos corporais são abandonados. A retirada dos adornos acontece durante alguns momentos de crise dentro do grupo, como partos, doenças, morte e luto. No momento da morte, os indivíduos Marúbo não são enterrados com suas contas de caramujo e contas de coco para que não faleçam seus parentes.

Para os grupos indígenas, os adornos corporais e todo seu conjunto de ornamentação possuem grande carga de significados. A caracterização do indivíduo, tanto em relação à vestimenta quanto em relação à ornamentação, assegura um sentimento de pertença e posse. O indivíduo passa a existir enquanto elemento individual do grupo ao qual pertence e passa, também, a obter a sensação de oposição em relação aos outros grupos (LEROI-GOURHAN, 1965).

A etnografia também aponta para as diferentes tipologias e diferentes condutas simbólicas na utilização dos adornos. O método tipológico deixou de ser um estudo preliminar e meramente descritivo, visto que, atualmente, costuma ser utilizado para fornecer informações sobre mobilidade e interações entre os grupos. O trabalho de Mayer (2013), por exemplo, realiza comparações tipológicas com as contas líticas dos sítios do Período Neolítico tardio, incorporando as informações de outros sítios em Israel, buscando dados sobre os sistemas de trocas, bem como sobre a conjuntura econômica dos grupos durante o período de transição de caçadores-coletores para agricultores.

Navascués (1982) também realizou trabalhos sob a ótica tipológica, e a partir da qual buscou reunir e ordenar os adornos pessoais pré-históricos achados na província de Navarra, na Espanha. O autor classifica os adornos em Famílias, Grupos e Tipos para obter uma visão individualizada dos objetos, afirmando que seu objetivo central não é a criação de uma tipologia das contas na província de Navarra devido à quantidade insuficiente, mas uma ordenação que auxiliaria em trabalhos tipológicos futuros.

Observa-se, em contextos arqueológicos e etnográficos, a utilização de adornos em materiais leves e orgânicos, tais como: penas, peles, ossos e dentes de animais; palhas,

frutos e sementes de diversas plantas (RIBEIRO, 1988; VIDAL, 2000; FERREIRA, 2020). Por sua natureza orgânica, esses materiais apresentam um grau de conservação inferior aos materiais inorgânicos.

O estado de conservação dos adornos no período pré-histórico, muitas vezes, tende a limitar o avanço de algumas pesquisas. São diversos os fatores que interferem diretamente na preservação do item que, muitas vezes, é produzido a partir de material perecível. Isso significa que os adornos verificados em registros arqueológicos são uma parte ínfima do que pode ter existido dentro das sociedades humanas.

Análises morfológicas e abordagens tecnológicas são comuns, principalmente dentro de um contexto europeu. Poveda (2012) analisa os adornos pessoais documentados em contexto arqueológicos do Neolítico no Noroeste Peninsular segundo sua tecnologia, verificando como esses adornos se distribuem e como ocorreu a circulação entre os grupos humanos. A autora classifica os adornos pessoais em diferentes morfotipos: i) adornos de conchas (conchas perfuradas, pingentes de gastrópodes etc.); ii) adornos de ossos, chifres e dentes; e iii) adornos de rocha.

Nessa classificação, Poveda (2012) caracteriza a técnica de fabricação desses materiais, a matéria-prima utilizada e os sítios onde foram verificados, obtendo os seguintes resultados: certos morfotipos demonstram influência e contato entre os grupos, alguns se mantêm como elementos de permanência da ancestralidade e outros são característicos de alguns momentos crono-culturais. Essa investigação trouxe novos dados aos estudos tecnológicos e funcionais da região estudada.

Ainda na Europa, Fernández (2008) verifica as diferentes matérias-primas utilizadas para a confecção dos adornos corporais nos sítios da Cornija Cantábrica e no Vale del Ebro durante os períodos Paleolítico e Mesolítico. O autor realiza uma sequência das matérias-primas mais utilizadas e das espécies de animais e conchas mais comumente verificadas durante esse período, constatando que muitas dessas matérias-primas sofreram intercâmbio entre os grupos.

Atualmente a Arqueologia no Brasil registra a presença dos adornos sob diversas matérias-primas que, na maioria das vezes, necessitam ser transformadas ou fixadas. Na região Amazônica, encontrou-se, no sítio Mina de Manganês do Azul, a produção de contas líticas associadas a ocupações Tupi-guarani. Falci e Rodet (2016) lançaram mão de uma análise tecnológica das contas líticas a partir de cada etapa da cadeia operatória. Constataram a possibilidade de o sítio ter uma ocupação temporária, sendo especializado na produção das contas líticas, possivelmente por estar ligado à proximidade da matéria-prima mais utilizada para a produção (*Caulinita-silicificada*). No sítio, não foram encontradas contas finalizadas, pois, possivelmente, foram levadas para serem utilizadas em outro local, permanecendo apenas os fragmentos quebrados ou inacabados.

As abordagens tecnológicas oferecem a possibilidade de estabelecermos classificações não só dos conjuntos artefatuais em si, mas também dos processos de produção. Entende-se por estudos tecnológicos os procedimentos que visam a apresentar os artefatos em relação a sua cadeia operatória. Todos os fatos ocorridos a um artefato poderiam, dessa forma, ser analisados com o objetivo de reconstruir os passos técnicos que lhes deram origem, a forma como foi utilizado e as alterações de uso. Os sistemas tecnológicos estão, desse modo, vinculados aos sistemas de representação social (LEMONNIER, 1986).

A cadeia operatória, então, pode ser entendida como um conjunto de operações que um grupo humano organiza a partir dos meios dos quais dispõe, com o saber técnico que domina, buscando a satisfação de ser reconhecido socialmente (CORRÊA, 2011). Pode ser dividida em quatro estágios: i) Aquisição – busca pela matéria-prima (tipo de base utilizada para a produção dos adornos) –; ii) Manufatura – momento em que o indivíduo

desempenha uma série de gestos com a finalidade de obter o objeto para uso –; iii) Uso/Função – quando o indivíduo utiliza o objeto produzido –; e, por fim, iv) Abandono – percebido através dos processos tafonômicos presentes (RENFREW e BANH, 2007; SCHIFFER, 1972).

A integração da técnica com o contexto arqueológico em que os adornos estão inseridos pode nos levar a ter acesso a sequências tecnológicas de produção, ou seja, por meio dos estudos tecnológicos, morfométricos, tafonômicos dos adornos e com o auxílio das pesquisas etnográficas, pode-se obter possibilidades de interpretação dos grupos que utilizaram tais adornos.

SISTEMATIZAÇÃO METODOLÓGICA

O conjunto de materiais selecionado para este trabalho corresponde sobretudo a adornos de origem orgânica, procedentes de enterramentos pré-históricos de diferentes cronologias distribuídos em 10 (dez) sítios² e 6 (seis) áreas arqueológicas no Nordeste do Brasil. São elas: Vale do Ipanema (PE), Vale do Ipojuca (PE), Itaparica (PE), Seridó (RN-PB), Xingó (AL-SE) e Serra da Capivara (PI).

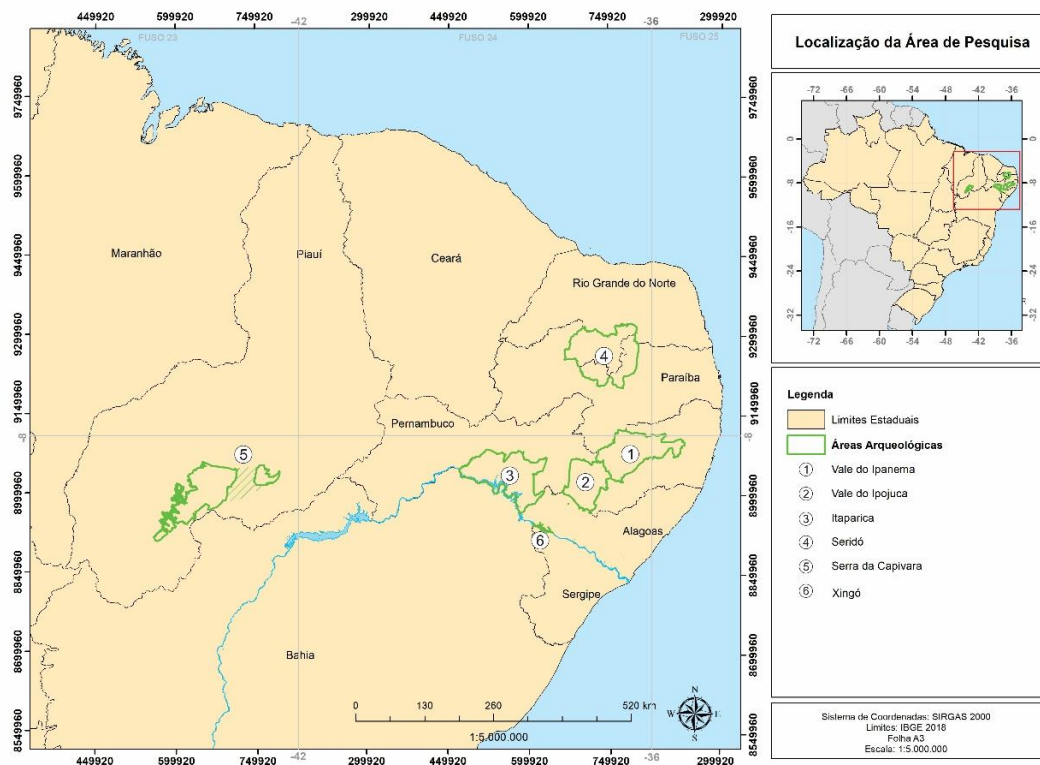


Figura 1. Localização dos sítios selecionados para a pesquisa. Elaboração: Adolfo Okuyama (2019).

Para a análise dos adornos, foi criado um protocolo em uma planilha de dados no *excel*, baseado em trabalhos como os de Fernández (2006), Martínéz (2015), Rodes (1989), Silva (2005) e Silva (2013). Na análise, foram compilados dados sobre os seguintes

² Esses sítios foram escavados em períodos distintos e consequentemente com *corpus* teórico-metodológicos e técnicas diferenciadas, o que resultou em dados com precisões também diferenciadas. Para a obtenção de informações sobre os sítios e os enterramentos, foram consultadas documentações primárias e secundárias. Os dados obtidos foram sistematizados em uma única base de dados com descritores que abarcassem o maior número de elementos concernentes à problemática da pesquisa.

descritores: número de etiqueta da peça ou número de tombo, informações sobre a matéria-prima, dimensões, técnicas de preparação da superfície, aspectos tafonômicos, entre outras características.

A pesquisa articulou variáveis contextuais, reunidas às especificidades de matéria-prima e tecnologia empregada na fabricação dos adornos, com o intuito de caracterizar esses objetos na Pré-história do Nordeste do Brasil. Os adornos corporais analisados não expressam o todo dos ornamentos: fibras vegetais, couros, penas, dentre outros materiais perecíveis e suas posições geralmente são alterados por múltiplos fatores formativos do registro arqueológico.

Durante as análises não foi realizada a identificação taxonômica das coleções faunísticas. Os dados taxonômicos são referentes a dados já publicados. A sistematização das variáveis operacionais a serem trabalhadas trazem um melhor controle sobre elas, visando a confirmar, refutar ou reformular as hipóteses propostas na pesquisa.

Na escolha das variáveis selecionou-se primeiro, dados que demonstrem o reconhecimento do sítio, posteriormente variáveis contextuais e biológicas sobre os indivíduos identificados em contexto funerário na presença dos adornos, e por fim, o estudo descritivo/morfológico, tecnológico dos adornos.

Dados do Sítio

- Área arqueológica e o sítio de procedência do objeto;
- Cronologia;
- Contexto ambiental;
- Tipo de sítio e dados da escavação.

Contexto funerário

- Dados demográficos – sexo e idade;
- Dados Culturais – tipo de enterramento.

Análise dos adornos corporais

- Identificativo: número da etiqueta, sítio correspondente, quantidade de adorno em cada sítio;
- Descritivo/morfológico: matéria-prima, tipo de adorno, estado de conservação, dimensões;
- Tecnológico - refere-se à análise técnica dos adornos. A técnica entendida como conjunto de processos utilizados para produzir os adornos foi aqui dividida em três fases:
 - Conformação (ação de dar forma) da peça – corte e alisamento,
 - Suspensão - perfuração,
 - Decoração/coloração – pigmentação e inscrição de marcas antrópicas.
- Tafonômico - corresponde aos processos transformativos verificados nos adornos desde sua fabricação. São entendidos como processos naturais ou antrópicos que ocorreram nos adornos, causando alterações em sua estrutura, modificando sua forma ou variando sua composição físico-química e atuando diretamente sobre o estado de conservação do material e no seu potencial analítico (SANTOS, 2000).

Definiu-se sexo e idade como atributos de análise por serem pontos de divisão dentro de estruturas sociais e norteadores na elucidação da problemática aqui posta. Divisões hierárquicas e de trabalho, no geral, se fazem mediante as diferenças sexuais e etárias (CISNEIROS, 2003). Os tipos de enterramento foram selecionados, pois os tipos primários e secundários podem apresentar influências na disposição espacial dos adornos e interferir na situação ou uso (local no qual o adorno foi identificado no corpo do indivíduo).

CONTEXTO ARQUEOLÓGICO DO NORDESTE DO BRASIL

Área Arqueológica do Vale do Ipanema

A Área Arqueológica do Vale do Ipanema é composta por uma variedade de sítios pré-históricos, caracterizados por lugares de habitação, sítios cemitérios e, majoritariamente, sítios com registros rupestres.

No que tange ao objeto desta pesquisa, dois sítios, Alcobaça e Cemitério dos Caboclos foram considerados por apresentar adornos associados à enterramentos.

O sítio arqueológico **Alcobaça** está localizado no município de Buíque - PE, sob as UTM E.698800 e N.9055581. Trata-se de um abrigo sob rocha arenítica, com presença de pinturas rupestres, cuja dominância são os grafismos puros, distribuídos em um painel de 40m de comprimento por 3m de largura. Alcobaça foi escavado entre os anos de 1996 e 1998 pela arqueóloga Ana Lúcia do Nascimento Oliveira. No sítio foram evidenciados enterramentos secundários, com ossos parcialmente cremados (Figura 2 – A e B) e com pigmentação vermelha (NASCIMENTO *et al.*, 1995).

As datações obtidas para o sítio situam os enterramentos no período de 2466 ± 26 a 1561 ± 25 anos BP. Associados aos enterramentos, foram evidenciados contas e pingentes confeccionados a partir de madeira, dentes e ossos de animais (MARTIN, 2008; CISNEIROS, 2003; CASTRO, 2009).

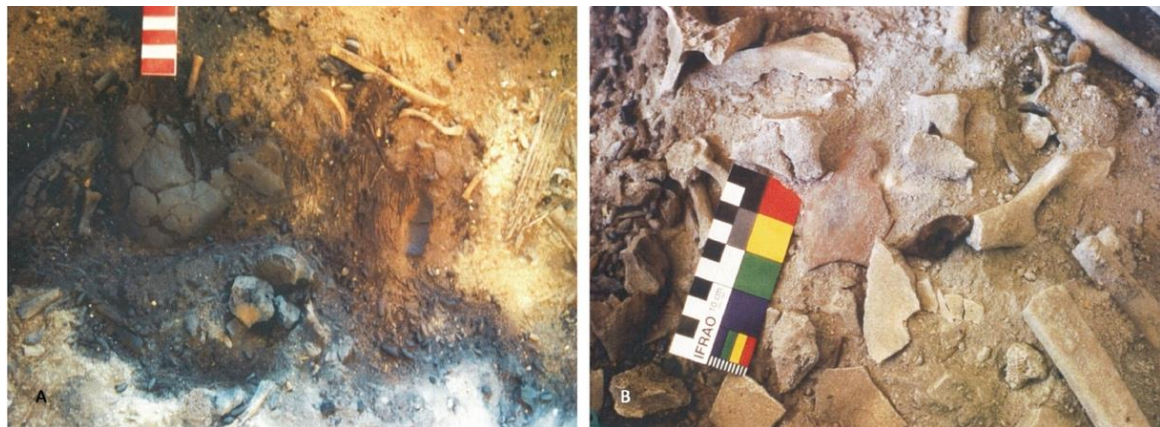


Figura 2. A e B. Enterramentos secundários com ossos cremados. Sítio Alcobaça. Área Arqueológica do Vale do Ipanema, Buíque (PE). Fonte: Oliveira (2001, p. 78).

O sítio arqueológico **Cemitério dos Caboclos** está localizado no município de Venturosa - PE, sob as UTM's E.742509 e N.9045501, a uma altitude de 710m. Trata-se de um abrigo sob rocha arenítica, medindo 2,7m de largura por 1,3m de altura, com presença de um único painel rupestre composto por um antropomorfo e algumas manchas sem identificação em vermelho. O cemitério dos Caboclos foi escavado na década de 1980 pelo arqueólogo Vladimir Luft. No sítio foram evidenciadas estruturas de fogueira, material lítico, ósseo e cerâmico. Associado aos ossos, foram evidenciados 4

pingentes em ossos de animais e 63 contas de colar confeccionado a partir de ossos de animais, sementes e rochas (LUFT, 1990; CISNEIROS, 2003).

Área Arqueológica do Vale do Ipojuca

As pesquisas arqueológicas no Vale do Ipojuca foram iniciadas na década de 1980 pelo arqueólogo Marcos Albuquerque e, em seguida, continuada pela equipe do Núcleo de Estudos Arqueológicos (Nea) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), que realizou um levantamento na área com o cadastro e análise de sítios arqueológicos através do Projeto Agreste. Em 1982, a arqueóloga Jeanette Maria Dias de Lima, da Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), assumiu as prospecções na área com o Projeto de Pesquisas Arqueológicas no município de Brejo da Madre de Deus (CASTRO, 2009).

A necrópole evidenciada nesse sítio é uma das mais significativas para a região Nordeste devido à quantidade de indivíduos exumados e de enxoval funerário em bom estado de conservação.

O sítio arqueológico **Furna do Estrago** localiza-se no município de Brejo da Madre de Deus - PE, sob as coordenadas UTM's E.787609.95 e N.9098454, a uma cota altimétrica de 650m (CISNEIROS, 2003; MARTIN, 2008). O sítio é formado pelo desprendimento de um grande bloco de granito que, ao deslizar, manteve uma posição horizontal, dando origem a um alongado, porém, baixo abrigo com 4,80m de altura, 8,80m de profundidade e 19m de comprimento (CISNEIROS, 2003; SCHIMITZ, 2014).

A Furna do Estrago foi escavada pela arqueóloga Jeannette Lima entre os anos de 1982 e 1985. Nesse sítio foram evidenciados enterramentos primários e secundários, que contam com mais de 80 indivíduos. Associados a esses esqueletos, foram identificados adornos e objetos de uso pessoal, como contas de colar (Figura 3), pingentes e a singular presença de uma flauta e uma agulha de osso (CISNEIROS, 2003; MARTIN, 2008; CASTRO, 2009; LIMA, 2012; LEITE *et al.*, 2014; MASTROROSA, 2021).

Foram realizadas três datações absolutas a partir de alguns esqueletos que foram exumados e estavam bem preservados. Essas datações evidenciaram que o indivíduo FE 18 (1860+/-50 B.P) é pertencente ao nível antigo e o indivíduo FE 45 (1610+/-70 BP) é proveniente do nível recente. Conforme Lima (1985), de acordo com essas datações, o sítio foi utilizado durante 250 anos como cemitério (LIMA *et al.*, 2019).

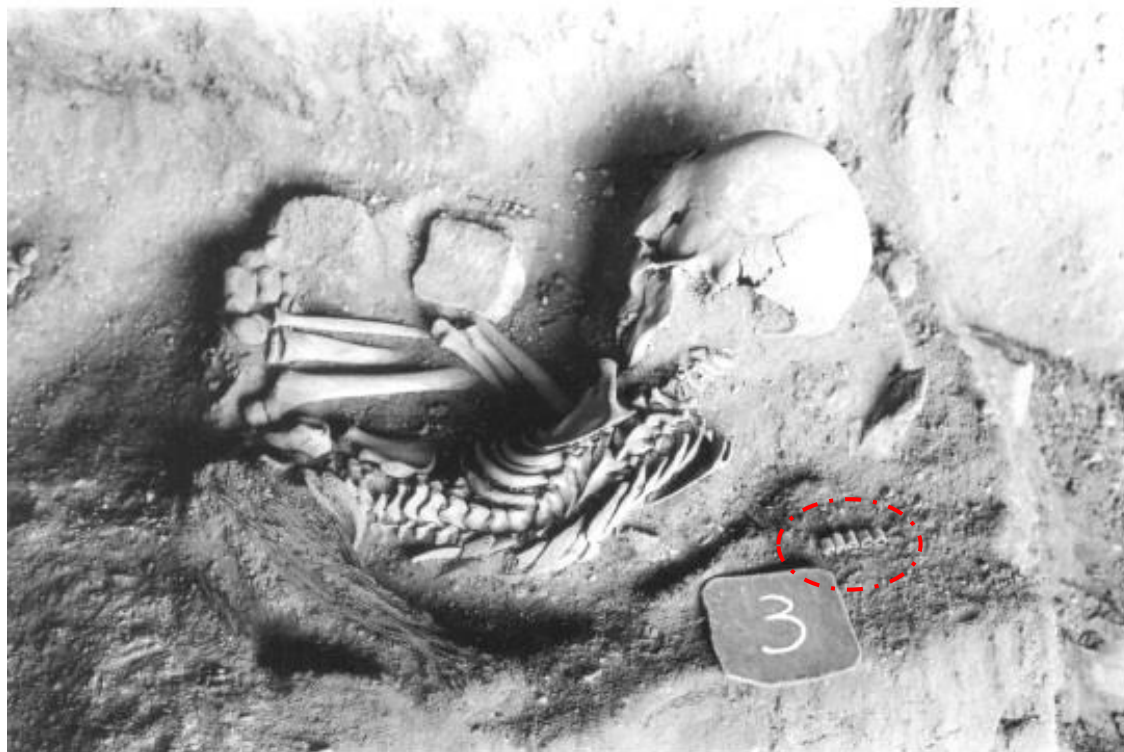


Figura 3. Enterramento do sítio Furna do Estrago, com presença de adornos ao lado do indivíduo em círculo tracejado em vermelho. Área Arqueológica do Vale do Ipojuca, Brejo da Madre de Deus (PE). Fonte: LIMA, 1985.

Área Arqueológica de Itaparica

As pesquisas na área de Itaparica foram iniciadas entre 1982 e 1988 com o Projeto Itaparica de Salvamento Arqueológico, que pretendia identificar e resgatar sítios arqueológicos na área que seria inundada pela Barragem de Itaparica, correspondendo aos municípios de Glória, Rodelas e Chorrochó, na Bahia; e Petrolândia, Itacuruba e Floresta, em Pernambuco (CISNEIROS, 2003).

A Área Arqueológica de Itaparica é composta por uma variedade de sítios pré-históricos sob abrigo e a céu aberto, caracterizados por lugares de habitação, sítios cemitérios, com vestígios de materiais líticos, cerâmicos e registros rupestres. Trabalhos como os de Calderón (1969), Martin (2008), Silva (2003) demonstram e discorrem sobre alguns desses sítios. Foi selecionado para esta pesquisa a Gruta do Padre, que exibiu, em seu contexto funerário, adornos corporais associados aos enterramentos.

O sítio arqueológico **Gruta do Padre** está localizado no Serrote do Padre, município de Petrolândia- PE, sob as coordenadas UTM's E.576399.59 e N.8995380. A Gruta do Padre é um abrigo sob rocha arenítica com 41m² de área habitável (MARTIN, 2008). Foi escavado no ano de 1930 pela primeira vez pelo etnólogo Carlos Estevão; posteriormente, mais duas campanhas foram realizadas: uma nos anos de 1960, por Valentin Calderón, e a outra, durante o Projeto Itaparica de Salvamento Arqueológico, por Gabriela Martin (Figura 4).



Figura 4. Vista do Sítio Gruta do Padre durante o salvamento em 1980. Fonte: Laboratório de Registros Rupestres - Departamento de Arqueologia da UFPE.

Os dados arqueológicos apontam para duas ocupações distintas na Gruta do Padre. Na primeira ocupação, a gruta foi utilizada como abrigo para grupos caçadores-coletores no período que compreende 7000 a 4500 anos BP, caracterizado pela presença de instrumentos como raspadores unifaciais, plano-convexos retocados, lâminas em sílex e calcadônia. Durante a segunda ocupação, essa gruta foi utilizada como cemitério, com cronologia entre 4000 a 2500 anos BP. No sítio foram evidenciados enterramentos secundários com sinais de queima; associados a eles, foram identificados adornos corporais confeccionados a partir de sementes, conchas, dentes e ossos de animais (MARTIN, 2008).

Área Arqueológica do Seridó

Os estudos arqueológicos sistemáticos na área do Seridó foram iniciados na década de 1980 pelos pesquisadores do Núcleo de Estudos Arqueológicos da UFPE e pela Fundação Seridó e configuram-se como parte integrante do Projeto Arqueológico do Seridó, coordenado pela arqueóloga Gabriela Martin. O projeto pretendia, inicialmente, comprovar a presença de sítios de pintura rupestre da Tradição Nordeste na região; posteriormente, devido ao alto potencial da área, a pesquisa foi ampliada com o objetivo de compreender as ocupações pré-históricas na região (CASTRO, 2009).

A área integra muitos sítios, contendo pinturas rupestres da Tradição Nordeste, sub-tradição Seridó, além de sítios cemitérios e cerimoniais. Autores como Alvim (1991), Cisneiros (2003), Martin (2008), Castro (2009), Nogueira (2016), Cisneiros *et al.* (2020) aportam com os contextos arqueológicos e a diversidade de vestígios arqueológicos identificados nessa área.

Dentre os sítios estudados na Área Arqueológica do Seridó, foram segregados para esta pesquisa os Sítios Mirador de Parelhas e Pedra do Alexandre, por apresentarem adornos corporais em contexto funerário.

O sítio arqueológico **Pedra do Alexandre** está localizado no município de Carnaúba dos Dantas (RN), sob as coordenadas UTM's E.774671 e N.9277203. O sítio é um abrigo sob rocha arenítica, com 12m de comprimento por 15m de largura, e está situado no topo de uma pequena elevação com altitude de 380m. O abrigo foi escavado em sucessivas campanhas desde a década de 1990, sob a coordenação da arqueóloga Gabriela Martin.

As escavações evidenciaram 19 enterramentos (Figura 5) primários e secundários associados a fogueiras. Entre os acompanhamentos funerários, observam-se apitos e adornos corporais, como pingentes, contas de colar confeccionadas em ossos, conchas e minerais (amazonita). A cronologia varia entre 9400 e 2000 anos BP, completando uma ocupação que se estende por um período de 7.000 anos (MARTIN, 2008).



Figura 5. Enterramento 15 do sítio Pedra do Alexandre. Área Arqueológica do Seridó, Carnaúba dos Dantas. Fonte: Laboratório de Registros Rupestres - Departamento de Arqueologia da UFPE.

O sítio arqueológico **Mirador de Parelhas** está localizado no município de Parelhas (RN) sob as coordenadas UTM's E.761590 e N.9257669, configura-se como um abrigo sob rocha granítica, com 3m de comprimento por 4m de largura a uma cota altimétrica de 480m. O sítio foi escavado sob coordenação da arqueóloga Gabriela Martin na década de 1980.

As escavações permitiram evidenciar um enterramento infantil secundário, cujos ossos estavam parcialmente incinerados; associado ao esqueleto, foram depositadas contas de colar confeccionadas em osso e concha, além de lascas de quartzo e sílex. Para esse sítio, foi obtida uma datação de 9410 anos BP associada ao enterramento (MARTIN, 2008).

Área Arqueológica da Serra da Capivara

As pesquisas na área da Serra da Capivara³ foram iniciadas em 1973, com o Projeto Povoamento do Sudeste do Piauí, da Missão Franco-Brasileira, coordenada pela arqueóloga Niède Guidon, e foram pautadas inicialmente em dados sobre arte rupestre. A Área Arqueológica Serra da Capivara apresenta hoje uma grande quantidade de sítios arqueológicos pré-históricos e históricos, atualmente compreende um total de 1215 sítios⁴, o que a constitui atualmente como a Área Arqueológica que abarca o maior número de sítios rupestres no Brasil. As investigações nessa área permitiram, através de um programa interdisciplinar, ascender a um conjunto de dados arqueológicos que conduziram a mudanças no paradigma sobre a antiguidade de grupos humanos no continente americano (GUIDON, 1986; PARENTI *et al.*, 1996; MELTZER *et al.*, 1996;).

O sítio arqueológico Toca do Enoque está localizado no município de Guaribas, no Parque Nacional Serra das Confusões (PI), sob as UTM's E.658743 e N.8988649 (LUZ, 2014). A Toca do Enoque é um abrigo sob rocha de arenito, medindo cerca de 60m de comprimento e 10m de altura; é composto por um painel com representações de grafismos geométricos, zoomorfos e antropomorfos. O sítio foi escavado em 2008 pelas arqueólogas Fátima Luz e Niède Guidon.

Os resultados das escavações arqueológicas, até o momento, distinguem três sepulturas, e apontam a uma sequência cronológica de 3430 a 8270 anos BP para os enterramentos. No contexto das deposições funerárias foram evidenciados adornos corporais sobrepostos ao pescoço, cintura e pulsos dos indivíduos, além de artefatos líticos, restos osteológicos e dentários não trabalhados, gastrópodes terrestres, placas de carapaça de tatu, penas, blocos de ocre, entre outros (Figura 6).



Figura 6. Enterramento do sítio Toca do Enoque, com presença de adornos, conchas e ocre. Área Arqueológica Serra da Capivara, Parque Serra das Confusões (PI). Fonte: Acervo Imagético da Fundação do Homem Americano (Fumdam).

³ A Área Arqueológica Serra da Capivara compreende um espaço ecológico que abriga dois Parques Nacionais (Parque Serra da Capivara e Parque Serra das Confusões) e um corredor ecológico entre eles. Essa área está localizada no sudeste do Piauí (CISNEIROS, 2010).

⁴ Esses sítios estão localizados nas poligonais dos Parques Serra da Capivara e Serra das Confusões e no corredor ecológico.

O sítio arqueológico **Toca do Alto da Serra do Capim** está localizado no município de Guaribas, no Parque Nacional Serra das Confusões (PI), sob as UTM's E.659771 e N.8987746; trata-se de um tipo de gruta formada por uma cavidade na escarpa de rocha arenítica, com 12m de comprimento, 5m de largura e 3m de altura. Na área do abrigo, encontram-se diversas representações rupestres geométricas. O sítio foi escavado em 2008 e 2009 pelas arqueólogas Fátima Luz, Gisele Daltrini e Niède Guidon e apresentou estruturas de combustão associadas a enterramentos secundários, com adornos que permitiram a datação de 8590 ± 60 a 3970 ± 50 anos BP. (LUZ, 2014) (Figura 7).



Figura 7. Enterramento do sítio Toca do Alto da Serra do Capim, composto por cestarias, ocre e adornos. Área Arqueológica Serra da Capivara, Parque Serra das Confusões (PI). Fonte: Acervo Imagético da Fundação do Homem Americano (Fumdham).

Área Arqueológica de Xingó

A Área Arqueológica de Xingó teve seus estudos iniciados com o Projeto Arqueológico de Xingó (Pax). O objetivo do projeto era mapear e salvaguardar os vestígios arqueológicos dos sítios localizados nas margens do Rio São Francisco que seriam impactados pela construção da Usina Hidroelétrica no município de Canindé do São Francisco (SE). Esse projeto foi coordenado pela equipe de arqueologia da Universidade Federal de Sergipe (UFS) em convênio com a Companhia Hidrelétrica do São Francisco (Chesf). Os sítios pré-históricos identificados na Área Arqueológica de Xingó podem ser classificados em oficinas líticas, sítios cemitérios e rupestres. Alguns trabalhos apontam a diversidade de materiais arqueológicos e cronologias de ocupação para a área, entre eles: Fagundes (2007), Oliveira *et al.* (2005), Silva (2013; 2017), Vergne (2004).

Dentre os sítios cemitério identificados na Área Arqueológica de Xingó, os sítios Justino e Jerimum apresentam adornos corporais em contexto funerário.

O sítio arqueológico Justino está localizado na Fazenda Cabeça de Nego, município de Canindé de São Francisco (SE), na margem direita do Rio São Francisco, sob as coordenadas UTM's E.627561 e N.8938881 (FAGUNDES, 2007). Atualmente, o sítio encontra-se submerso pelo lago artificial da Usina, mas, anteriormente, situava-se num

terraço fluvial de 6,8m de altura, com área total de aproximadamente 1500m² e altitude média de 37m. O Justino foi escavado de 1991 a 1994 sob a coordenação da arqueóloga Cleonice Vergne, e é considerado um dos mais densos cemitérios pré-históricos, com estruturas de fogueira, restos alimentares, ossos de animais, objetos líticos, fragmentos cerâmicos e adornos (Figura 8).

Durante todas as ocupações investigadas no Sítio Justino, foram escavados um total de 165 enterramentos, com 184 indivíduos identificados. Desse quantitativo, aproximadamente 13% do total de indivíduos possuem adornos cujas matérias-primas mais frequentes são os ossos, conchas, dentes e minerais (VERGNE, 2004; SILVA, 2013; SILVA, 2017).



Figura 8. Enterramento primário e individual com presença de adornos orgânicos como contas de ossos e adornos do período de contato, como cita Silva (2013 e 2017). Sítio Justino, Área Arqueológica de Xingó, Canindé do São Francisco (SE). Fonte: SILVA (2013. p. 78).

O sítio arqueológico **Jerimum** está localizado no município de Canindé do São Francisco (SE), no terraço fluvial, a jusante da Usina Hidrelétrica de Xingó, próximo à margem de confluência do Riacho Jerimum. Localiza-se nas UTM's E.639372 e N.8935016 (CASTRO, 2009; OLIVEIRA *et al.*, 2005). O sítio foi escavado em 1997 e 1998 pela arqueóloga Cleonice Vergne; e em 2001 e 2002, pelas arqueólogas Cláudia Oliveira e Daniela Cisneiros, juntamente com a equipe do Museu de Arqueologia de Xingó (Max) e do Núcleo de Estudos Arqueológicos (Nea) da UFPE. Nas primeiras campanhas do sítio, foram evidenciados enterramentos e um pingente de osso de animal (OLIVEIRA *et al.*, 2005). Sobre a cronologia, não foram realizadas, até o momento, datações devido à fragilidade dos ossos e amostras de carvões.

ADORNOS EM MATÉRIA-PRIMA PERECÍVEL

A matéria-prima se constitui como um elemento essencial nos estudos da materialidade funcional e simbólica dos adornos (GONZÁLEZ, 2015). Sua identificação

permite estabelecer as propriedades químicas e estruturais da matéria, comportamentos mecânicos e muitas vezes os fatores que condicionam seu uso.

No que tange às matérias-primas perecíveis, estas podem ser de origem animal e vegetal. As de origem animal podem ser separadas em dois grupos, as matérias-primas duras formadas por ossos, dentes e conchas; e as moles, formadas por penas e couro. As características mecânicas, estruturais desses elementos levaram grupos humanos a produzirem as mais variadas tipologias de adornos.

Em contexto brasileiro, os tipos de matérias-primas mais observadas são ossos, dentes, conchas, seguidos pelos minerais e as rochas. Após a chegada dos europeus e africanos, são adicionadas as contas de vidro (SILVA *et al.*, 2014). Em alguns contextos funerários preservados, também são verificados adornos de sementes e madeira.

Ossos

Os ossos são estruturas rígidas de formas variadas, compostos por substâncias orgânicas e inorgânicas (minerais), que atuam junto com as cartilagens no suporte do tecido conjuntivo nos organismos de animais vertebrados (O'CONNOR, 1987). Essas estruturas possuem formas distintas. Apesar de sua aparência homogênea e compacta, os ossos são por vezes irregulares e porosos.

O osso constitui uma matéria-prima bastante utilizada por grupos pré-históricos na confecção de instrumento utilitários e na fabricação de adornos (GONZÁLEZ, 2015). Para esses fins, observa-se no registro arqueológico a utilização de ossos mais compactos, em geral a diáfise (parte tubular dos ossos largos, compreendida entre as epífises proximais e distais). Nos ossos longos a diáfise é composta por grande quantidade de osso compacto, com pouco osso esponjoso. Segundo González (2015, p. 209), “a presença de uma cavidade medular nesse tipo de osso facilita seu corte longitudinal e transversal ao mesmo tempo que, para determinados objetos, como anéis e contas, evita alguns passos técnicos relacionados a perfuração”. Essas características também permitem a esse material uma melhor conservação no registro arqueológico.

No material estudado foi observado com frequência pingentes de ossos, entre eles, ossos de cervídeos (*Mazama gouazoubira* e/ou *americana*) e diáfises de aves, ambos associados a enterramentos nos sítios Pedra do Alexandre (RN), Toca do Enoque (PI), Furna do Estrago (PE) e Justino (SE) (Figura 9).



Figura 9. Pingentes de ossos de cervídeo (*Mazama gouazoubira* e/ou *americana*) identificados no Sítio Justino, Canindé do São Francisco (SE). Fonte: Ferreira, 2020. (Foto: Camila Ferreira, 2019).

Dentes

Os dentes são considerados os tecidos mais mineralizados que compõem o organismo de animais, são estruturas duras, compostas por polpa, dentina e esmalte; possuem formas diferenciadas e adaptadas ao tipo de alimentação, nos mamíferos em especial; possuem forma e funções diferentes para mastigação. Por sua estrutura, constitui-se como uma matéria-prima que se conserva facilmente, servindo de fósseis guias para estudos arqueológicos e paleontológicos.

Observa-se, no registro arqueológico da península Cantábrica, desde o Paleolítico superior, a larga utilização de dentes para a confecção de adornos, entre eles, os mais comuns são os caninos de cervos e de javalis (FERNÁNDEZ, 2008). A parte do dente mais observada na confecção de adornos é a dentina (tecido que se encontra imediatamente após o esmalte). Este é um tecido mineralizado, porém em menor proporção, e, embora duro, possui maior elasticidade e tenacidade que a dentina. Segundo González (2015, p. 219) “a presença da cavidade polpar nos dentes facilita consideravelmente seu corte longitudinal, permitindo a realização de alguns passos técnicos como a perfuração”.

No Sítio Toca do Enoque (PI), foram evidenciados, contíguos aos enterramentos, 672 dentes de animais, incluindo jaguatiricas (*Felis pardalis*), raposas (*Cerdocyon thous*), onça vermelha (*Felis concolor*) e onça pintada (*Panthera onça*) (Figura 10). Para muitos grupos indígenas, os dentes representam uma força vital ocupando lugar de prestígio na vida social (GAMBIM JUNIOR *et al.*, 2018).



Figura 10. A. Colar de dentes de raposa (*Cerdocyon thous*) associado ao indivíduo infantil. Sítio Toca do Enoque. B. Colar de dentes de onça pintada (*Panthera onça*), onça vermelha (*Felis concolor*) e Jaguatirica (*Felis pardalis*) associado a um recém-nascido. Sítio Toca do Enoque. Fonte: acervo imagético da Fumdhm (foto: Adolfo Okuyama, 2007).

Conchas

As conchas são coberturas duras, rígidas e externas que atuam como exoesqueletos em alguns moluscos, servindo como elemento defensivo. As conchas estão entre as matérias-primas mais antigas utilizadas como adornos e como acompanhamento funerário (D'ERRICO, 2005).

A análise diagnóstica de conchas em contextos arqueológicos é uma preocupação constante dos arqueólogos, pois os vestígios encontrados nesse tipo de análise podem evidenciar dados valiosos sobre captação de recursos, migrações, sistemas de trocas, dieta alimentar e aparatos técnicos utilitários e adornais, trazendo informações sobre o modo de vida na pré-história.

Os processos tafonômicos que atuam sobre as conchas podem por muitas vezes mascarar técnicas e usos antrópicos. As conchas sofrem processos erosivos naturais. Perfurações e incrustações nas conchas podem ser produzidas por organismos

predadores, tais como gastrópodes que perfuram as conchas de moluscos. Essas perfurações variam de acordo com a família dos gastrópodes.

Através das análises macroscópicas, em contextos arqueológicos bem definidos, pode-se observar marcas e desgastes provocados pelo uso contínuo desse material como adorno ou ferramenta e alterações no volume, traços e marcas de desgastes.

Para esta pesquisa não foram realizadas tais tipos de análises. Neste artigo apresentam-se possibilidades e hipóteses a partir da revisão bibliográfica realizada sobre estudos em adornos corporais.

Os adornos em conchas não foram percebidos em grande quantidade. Estes foram identificados nos enterramentos dos sítios Toca do Enoque (PI) e Furna do Estrago (PE). É possível verificar também a constância de conchas sem marcas antrópicas colocadas sobre os indivíduos associada ao rito fúnebre (Figura 11).



Figura 11. Detalhe do enterramento 6, com presença de conchas de gastrópodes terrestres associadas ao mobiliário fúnebre no Sítio Toca do Enoque. Fonte: acervo imagético da Fumdam.

Matéria-prima de origem vegetal

As matérias-primas de origem vegetal podem ser consideradas as mais frágeis dentro do arsenal de materialidades artefactuais antrópicas. A fragilidade e perecibilidade desse material faz com que ele não se conserve durante muito tempo em solos arqueológicos.

A utilização de sementes, palhas e madeiras na confecção de adornos foi documentada por etnógrafos (RIBEIRO, 1988; VIDAL, 2000) e se apresenta de forma diversa em relação ao seu produto final e ao uso. O tempo de uso desses materiais é restrito, constituem-se em materialidades que com frequência são atacadas por microorganismos que se alimentam de sua massa, destruindo-as.

Esses vestígios, por sua conformidade mecânica, são de trato técnico mais simples e muitas vezes exige-se apenas a coleta e perfuração. Por serem leves, podem também estar constantemente posicionados e pendurados em várias partes do corpo.

O uso de vegetais, como trançados e fibras nas práticas funerárias e na confecção dos adornos, também é recorrente nos enterramentos pré-históricos do Nordeste do Brasil. No sítio Alcobaça (PE), Oliveira (2006) aponta para os cordames confeccionados em fibras caroá (*Neoglaziovia variegata*) presentes nos 5 enterramentos secundários e coletivos, bem como adornos produzidos sobre madeira.

No Sítio Furna do Estrago (PE), também foram evidenciadas fibras vegetais e esteiras de caroá envolvendo os indivíduos, e adornos de sementes de Gindiroba (*Fevillea Trilobata*) foram utilizados para a confecção de contas de colar (Figura 12). Nos sítios Toca do Enoque e Alto do Capim (PE), também foi observado o uso de fibras vegetais e sementes sobre braços e pelve dos indivíduos (Figura 13), sugerindo que estes são adornos de pulso e cintos, como cita Luz (2014).



Figura 12. Contas de sementes de Gindiroba (*Fevillea Trilobata*) associadas a enterramentos no Sítio Furna do Estrago, Área Arqueológica Vale do Ipojuca, Brejo da Madre de Deus (PE). Fonte: FERREIRA, 2020. (Foto: Camila Ferreira, 2019).



Figura 13. Contas de semente e fibras associadas ao indivíduo infantil no Sítio Toca do Alto do Capim, Área Arqueológica Serra da Capivara (PI). Fonte: Acervo imagético da Fumdhm (foto: Adolfo Okuyama, 2007).

O uso de penas e couro como matéria-prima para confecção de adornos não foi constatado nos contextos arqueológicos analisados, porém esse tipo de material de origem animal é verificado em grupos indígenas e em alguns relatos etnohistóricos (LERY, 1980 [1578], STADEN, 1988 [1557]) de viajantes e cronistas. Por serem materiais mais frágeis, esses adornos podem não ter sido conservados em solos arqueológicos.

Os adornos corporais analisados encontram-se situados, cronologicamente, entre aproximadamente 10.000 e 1040 anos BP. O gráfico 1 apresenta o intervalo das datações dos sítios em função das matérias-primas dos adornos. Foram formados 3 grupos de matérias-primas. Estas foram observadas durante as análises e separadas primeiramente em orgânicas (ossos, conchas, dentes, madeiras e sementes) e inorgânicos (minerais e rochas). Porém esta pesquisa se centrou nos vestígios orgânicos.

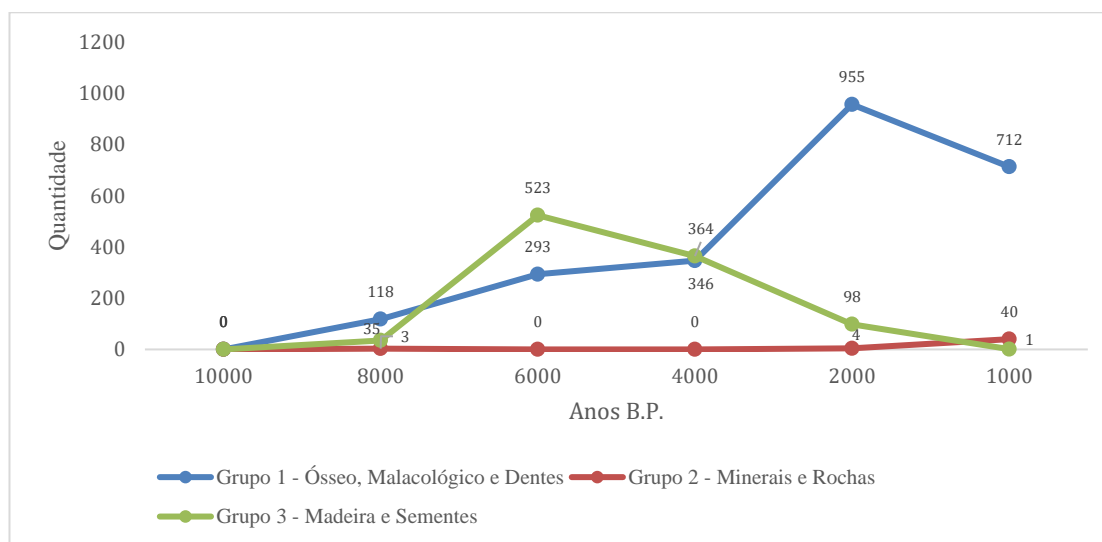


Gráfico 1. Distribuição cronológica dos adornos de acordo com a datação dos sítios arqueológicos selecionado.

O gráfico acima nos mostra que sítios com datações recuadas possuem, com maior frequência, adornos cujas matérias-primas são ossos, dentes e conchas. Por volta de 6.000 anos, observa-se maior variedade de matérias-primas na produção dos adornos, com a inclusão de diversas espécies de sementes e o uso de madeira também como ornamentação.

No que concerne aos adornos, cujas matérias-primas são minerais e rochas, por serem produzidos a partir de matéria-prima com maior tempo de vida, esperava-se, verificar, durante os períodos de ocupação pré-histórica, uma produção recorrente, mesmo que de poucos exemplares. Esses materiais, também pelo peso e complexidade técnica de perfurações, têm seu uso restrito, como pode ser observado nos dados etnográficos (RIBEIRO, 1988; VIDAL, 2000).

A identificação da matéria-prima realça discussões sobre prováveis fontes e energias despendidas na produção do objeto. No caso dos adornos confeccionados a partir de espécies vegetais e animais, pode-se apontar as espécies e inferir sobre o aproveitamento dos recursos naturais disponíveis.

Os processos deposicionais e pós-deposicionais (naturais e antrópicos) e o alto grau de modificação durante a preparação dos ritos funerários podem ter comprometido também a identificação de adornos com matéria-prima perecível. A utilização de fogueiras imediatamente acima dos enterramentos nos sítios Gruta do Padre (PE), Furna do Estrago (PE) e Alcobaça (PE) fragilizou materiais vegetais e pode ter destruído outros.

Dentre as tipologias de adornos mais frequentemente verificadas em contextos arqueológicos funerários no Nordeste do Brasil, estão as contas e os pingentes. As contas geralmente são definidas a partir de sua morfologia e em relação ao seu sistema de fixação que frequentemente se encontra no terço central da peça. Já os pingentes ou pendentives podem ser peças de formato mais alongado, ou seja, o comprimento maior que a largura, com sistema de suspensão situado em uma das extremidades da peça, com uma única perfuração ou dupla perfuração.

Nos contextos arqueológicos dos sítios analisados, também foram identificados adereços de cabelo e um bracelete produzido a partir de concha de molusco, vinculado a um enterramento infantil, ambos do Sítio Justino (SE) (Figuras 14 e 15).



Figura 14. Adorno confeccionado em conchas com dupla perfuração. Sítio Justino, Área Arqueológica de Xingó, Canindé do São Francisco (SE). Fonte: FERREIRA, 2020. (Foto: Camila Ferreira, 2019).



Figura 15. Bracelete confeccionado em conchas identificado em um enterramento infantil no Sítio Justino, Área Arqueológica de Xingó, Canindé do São Francisco (SE). Fonte: FERREIRA, 2020 (Foto: Camila Ferreira, 2019).

Sobre as técnicas de conformação dos adornos, ou seja, a ação de dar forma ao objeto, foram observados os cortes que atuam sobre o suporte, reduzindo ou transformando a área na qual será realizada a suspensão; depois, para a etapa do alisamento, que está subdividida em polimento (ação para dar brilho a peça) e facetamento (pressão realizada na peça com o objetivo de criar faces mais finas).

No gráfico 2, observa-se que os adornos, cujas matérias-primas são dentes e sementes, geralmente são utilizados em seu formato original, não sofrem ação de corte ou facetamento, apenas de polimento, o que promove o brilho à peça e à perfuração.

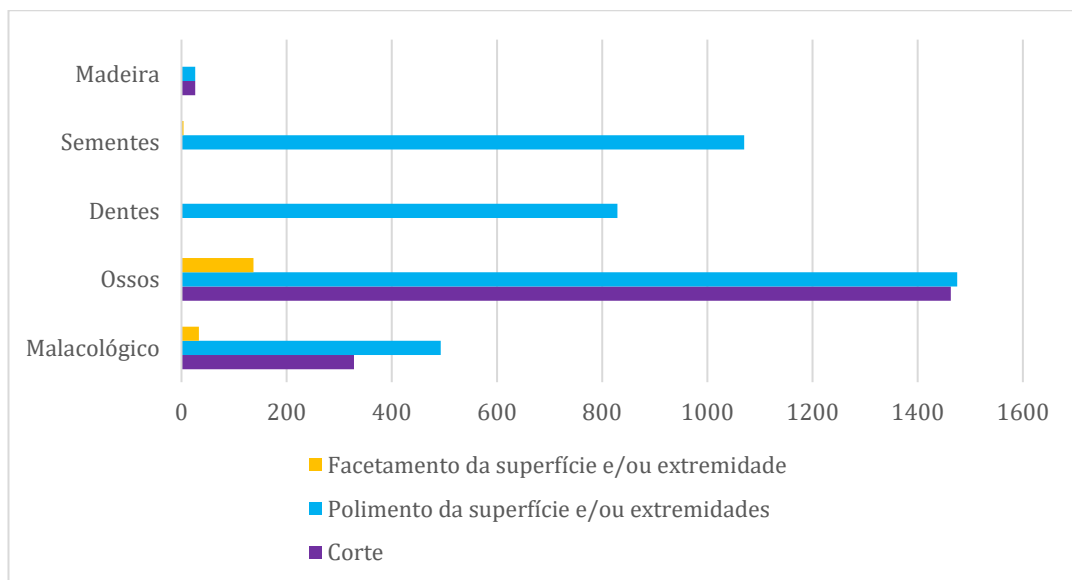


Gráfico 2. Técnicas de conformação utilizadas na confecção dos adornos em diferentes matérias-primas.

Quando se trata de ossos longos de animais, por exemplo, o material ósseo costuma ter uma maior preparação da superfície com o corte, geralmente, das extremidades em que se localizam as perfurações e o polimento da superfície, por vezes; além disso também se verifica a técnica de facetamento. Todavia, essa técnica é mais comum em adornos confeccionados a partir de minerais e rochas, visto que apresentam maior dureza na superfície.

Por vezes, são encontrados materiais com intensas atividades de conformação, nos quais não é possível realizar as etapas básicas de identificação da matéria-prima, por exemplo. Lery ([1578] 1980) cita um trecho de como era realizada a preparação de superfície nas conchas e, depois, faz uma menção às contas de madeira tão lustrosas quanto um azeviche.

Com grande paciência pulem contra um pedaço de grés uma infinidade de pedacinhos da grande concha marinha chamada vinhol; arredondamos e os fazemos delgados com um dinheiro tornês. Em seguida são furados ao centro e enfiados cordões como colares; chamam a estes *bouré* e os enrolam ao pescoço como nos países europeus [...] Essas selvagens também usam colares de certa espécie de madeira preta muito adequada a esse mister por ser quase tão pesada e luzidia quanto o azeviche (LERY, [1578] 1980, p. 94).

Sobre a etapa de suspensão, foram observadas as técnicas de perfuração e desobstrução. A perfuração se dá quando o indivíduo produz sobre a matéria canais transpassados; e a desobstrução ocorre quando se aproveita as características próprias da

matéria-prima. Esta última foi observada mais frequentemente em ossos longos, dos quais são retirados os tecidos esponjosos e reaproveitado o canal natural do osso (Figura 16). Nas desobstruções, a morfologia dos orifícios tende a ser irregular ou alargada, respeitando a extremidade do osso utilizado; nas perfurações, a confecção dos orifícios acontece de forma mais controlada, e a morfologia geralmente obtém aspecto mais cônico.

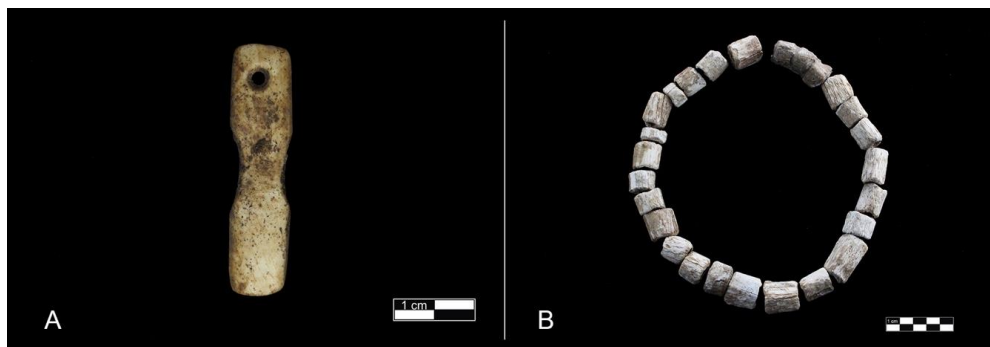


Figura 16. A. Pingente feito de esterno de animal no qual é apresentada a perfuração intencional com orifício de morfologia cônica, Sítio Alcobaça, área Arqueológica do Vale do Ipanema; Buíque (PE). B. Contas de colar de osso longo com desobstrução e reaproveitamento do canal natural e morfologia irregular própria do osso, Sítio Justino, Área Arqueológica de Xingó, Canindé do São Francisco (SE). Fonte: FERREIRA, 2020. (Foto de Camila Ferreira, 2019).

Além disso, nos pingentes, são observadas perfurações intencionais bicônicas nos sítios Toca do Enoque (PI), Pedra do Alexandre (RN) e Mirador de Parelhas (RN). Esse tipo de pingente estava associado às crianças (Figura 17). Ainda que estas apresentassem as maiores diferenciações quanto ao uso dos adornos até o momento, precisar-se-ia de mais elementos para interpretar os pingentes bicônicos como pertencentes à categoria dos infantes.



Figura 17. Pingentes de osso de cervídeo associados ao enterramento infantil no Sítio Mirador de Parelhas, Área Arqueológica do Seridó, Parelhas (RN). Fonte: FERREIRA, 2020. (Foto: Camila Ferreira, 2019).

Além da suspensão através da perfuração, também foi observada, em menores casos, a suspensão por estrangulamento de alguns dentes do Sítio Furna do Estrago (PE). Nos sítios analisados no Nordeste do Brasil, a Furna do Estrago foi o único em que foi identificado esse tipo de suspensão. Essa suspensão pode ser observada em alguns contextos arqueológicos relacionados ao mesolítico em Portugal e na Espanha (FERNANDÉZ, 2006).

De modo geral, os adornos identificados nos sítios pré-históricos do Nordeste possuem a cor e as marcas da matéria-prima original, sem inserções de pinturas e gravuras para decoração da superfície. No Sítio Furna do Estrago, no entanto, foram identificadas inscrições de motivos decorativos em algumas contas de colar (Figuras 18 e 19). Os motivos correspondem a linhas horizontais simples e duplas, como também a linhas horizontais e paralelas, que se cruzam em conjuntos durante o comprimento da conta. A etapa da decoração e coloração é observada com mais recorrência em adornos produzidos no período histórico ou sítios de contato.



Figura 18. Conta de colar com inscrição de linhas horizontais, Sítio Furna do Estrago, Área Arqueológica do Vale do Ipojuca, Brejo da Madre de Deus (PE). Fonte: FERREIRA, 2020. (Foto de Camila Ferreira, 2019).



Figura 19. Contas de colar com motivos decorativos, Sítio Furna do Estrago (PE). Conta de colar com inscrição de linhas horizontais, Sítio Furna do Estrago, Área Arqueológica do Vale do Ipojuca, Brejo da Madre de Deus (PE). Fonte: FERREIRA, 2020. (Foto de Camila Ferreira, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho em tela teve por objetivo caracterizar os adornos corporais em materiais orgânicos identificados em contextos funerários e pré-históricos, investigando características sobre os aspectos técnicos e morfotipológicos desses artefatos.

Os tipos de materiais mais frequentemente identificados nos registros arqueológicos estudados são as contas e os pingentes, que apresentaram indicações de uso a partir do posicionamento em relação aos esqueletos, ao pescoço e, por vezes, ao pulso. Percebeu-se que contas e pingente tendem a ter maior variabilidade de matérias-primas em sítios mais recentes, provavelmente em razão do tempo de vida dos materiais utilizados, que permitem que sítios com datações de até 2.000 anos apresentem adornos confeccionados em sementes e madeira.

A partir dos dados cronológicos publicados, foi possível definir, de modo preliminar, que sítios com datações recuadas, cerca de 8000 e 7000 anos BP, possuem, com maior frequência, adornos confeccionados em ossos, dentes e conchas. Por volta dos 6000 anos, observa-se maior variedade de matérias-primas em sua produção, com a inclusão de diversas espécies de sementes e o uso de madeira como ornamentação.

Para a Arqueologia, as tecnologias desenvolvidas e empregadas em materiais orgânicos e de alto grau de perecibilidade constitui um problema, desde as condições de preservação dos contextos arqueológicos, passando pela manipulação necessária às análises, até a salvaguarda desses materiais em acervos arqueológicos. Muitas vezes, em contextos arqueológicos, os materiais orgânicos são vestígios fugazes que desaparecem com a decapagem ou com a retirada para acondicionamento, como é o caso de trançados em palha queimados em enterramentos associados a fogueiras. Esse material necessita ser documentado assim que reconhecido em solo arqueológico, caso contrário muitos dados são perdidos, sobretudo os relacionados a trançados, cordões e cestarias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVIM, Marília Carvalho de Mello e. O grupo pré-histórico da Furna do Estrago e suas relações biológicas com outras populações pré-históricas e atuais do Brasil. *Clio Arqueológica*, Recife, v. 1, n. 4, p. 81-83, 1991.
- BALDUS, Hebert. *Ensaio de Etnologia brasileira*. 2. ed. São Paulo: Editora Nacional/INL/MEC, 1937.
- CALDERÓN, Valentin. Nota Prévia sobre Arqueologia das Regiões Central e Sudoeste do Estado da Bahia. *Museu Paraense Emílio Goeldi*, Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – Pronapa, Belém, 1969.
- CASTRO, Viviane Maria Cavalcanti de. *Marcadores de Identidades Coletivas no contexto funerário pré-histórico no Nordeste do Brasil*. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.
- CISNEIROS, Daniela; NOGUEIRA, Nathalia; FERREIRA, Camila. A Utilização de Adornos Corporais na Pré-história da Área Arqueológica do Seridó - RN. *Clio Arqueológica*, v. 35, n. 3. p. 199-235, 2020.
- CISNEIROS, Daniela. *Práticas funerárias na Pré-História do Nordeste do Brasil*. 2003. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.
- CISNEIROS, Daniela. Similaridades e Diferenças nas Pinturas Rupestres de Contorno Aberto no Parque Nacional Serra da Capivara - PI. *Clio Arqueológica*. 24. 17-25. 2010.
- CORRÊA, Ângelo Alves. Cadeias operatórias Tupi. *Habitus*, Goiânia, v. 9, n. 2, p. 221-238, 2011.
- FAGUNDES, Marcelo. *Sistema de assentamento e tecnologia lítica: organização tecnológica e variabilidade no registro arqueológico, em Xingó, Baixo São Francisco, Brasil*. 2007. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- FALCI, Catarina Guzzo; RODET, Maria Jacqueline. Adornos corporais em Carajás: a produção de contas líticas em uma perspectiva regional. *Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências humanas*, Belém, v. 11, n. 2, p. 481-503, mai./ago. 2016.
- FERNÁNDEZ, Esteban Álvarez. *Los objetos de adorno – colgantes del Paleolítico superior e del Mesolítico em la Cornisa Cantábrica y en el Valle del Ebro: una visión europea*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2006.
- FERREIRA, Camila. *Adornos Pré-históricos no Nordeste do Brasil: Técnicas, Usos e Funções*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020.
- GONZÁLEZ, Virgínia Barciela. *El lenguaje de los adornos: tecnología, uso y función: Adornos personales de la Edad del Bronce en Alicante y Albacete*. Tese en Prehistoria. Universidade de Alicante. 2015.
- GUIDON, Niède. Las unidades culturales de São Raimundo Nonato, Sudeste del Estado de Piauí, Brasil. A. L. Bryan (Ed.) *New Evidence for the Pleistocene Peopling of the America*. Center for the Study of Early Man, University of Maine at Orono, Maine, p.157-171. 1986.
- STADEN, Hans [1557]. *Duas viagens ao Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia. 1988.
- LÉRY, Jean de. [1578]. *Viagem à terra do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo. 1980.

- LAGROU, Els. Um corpo feito de artefatos: o caso da missanga. In: FAUSTO, Carlos e SEVERI Carlo (orgs.), *Palavras em imagens: escrita, corpos e memórias*. Marseille: OpenEdition Press. 2016.
- LEITE, Marinete Neves; CASTRO, Viviane Cavalcanti; CISNEIROS, Daniela. Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus, PE: Reflexões sobre o lugar dos mortos. *Fundamentos*, São Raimundo Nonato, v. 11, p. 50-64, 2014.
- LEMONNIER, Pierre. The study of material culture today: Toward an anthropology of technical systems. *Journal of Anthropological Archaeology*, v. 5, n. 2, p. 147-186, 1986.
- LEROI-GOURHAN, André. *O gesto e a palavra 2: memória e ritmos*. Lisboa: Edições 70, 1965.
- LIMA, Danúbia Valéria Rodrigues de. *Sobre morte e gênero: uma análise dos papéis de gênero no contexto funerário dos sítios Justino-SE e Furna do Estrago-PE*. 2012. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.
- LIMA, Danubia Valéria Rodrigues de; CASTRO, Viviane Maria de Cavalcanti de; MORAES, Flávio Augusto de Aguiar. O sítio Furna do Estrago em Pernambuco: uma análise de gênero. *Revista de Arqueologia*, [S. l.], v. 32, n. 2, p. 104–118, 2019. DOI: 10.24885/sab.v32i2.705.
- LIMA, Jeannette. *Arqueologia da Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus -Pernambuco*. 1985. Dissertação (Mestrado em Antropologia Cultural) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1985.
- LUFT, Vlademir. *A Pedra do Tubarão: um sítio da Tradição Agreste em Pernambuco*. 1990. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1990.
- LUZ, Maria de Fátima da. *Práticas funerárias na Área Arqueológica da Serra da Capivara, Sudeste do Piauí, Brasil*. 2014. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.
- MARTIN, Gabriela. *Pré-História do Nordeste do Brasil*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2008.
- MARTÍNEZ, Susana Victoria Martínez. *Os adornos em concha do Paleolítico superior da região de Murcia (Espanha)*. 2015. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade do Algarve, Portugal, 2015.
- MASTROROSA, Raquel. *Arqueologia do Envelhecimento nas Perspectivas Identitária e Biológica: Estudo de Caso do Sítio Pré-Histórico Furna do Estrago, Pernambuco, Brasil*. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia. 2021.
- MAYER, Daniella E. Bar-yosef. Towards a typology of stone beads in the Neolithic Levant. *Journal of Field Archaeology*, Massachusetts, n. 2, p. 129-142, 2013.
- MELATTI, Delvair Montagner. Simbolismo dos adornos corporais Marúbo. *Revista do Museu de Paulista*, São Paulo, v.31, p. 7- 41, 1986.
- MELTZER, David J.; ADORVASIO, James M.; DILLEHAY, Tom D. Uma visão da Toca do Boqueirão da Pedra Furada. São Raimundo Nonato: *Fundamentos*. v. 1. n.1, 1996.
- NASCIMENTO, Ana; ALVES, Cláudia; LUNA, Suely. O sítio arqueológico de Alcobaça, Buíque: primeiros resultados. *Clio arqueológica*. Recife, n. 11, p. 87-98, 1995.
- NAVASCUÉS, Juan Javier Enríquez. Los objetos de adorno personal de la Prehistoria de Navarra. *Trabajos de Arqueología Navarra*, Espanha, n. 2, p. 157-202, 1982.

- NOGUEIRA, Nathalia. *As Representações Rupestres dos Adornos de Cabeça nos Antropomorfos na Área Arqueológica do Seridó - RN*. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Arqueologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.
- NOVAES, Sylvia Caiuby. Funerais entre os Bororo: Imagens da refiguração do mundo. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 49, n. 1, p. 283-315, 2006.
- OLIVEIRA, Ana Lucia do Nascimento. O sítio arqueológico Alcobaça: sítio referência no Vale do Catimbau-Buíque-PE. *Clio Arqueológica*, Recife, v. 2, n. 21, p. 05-39, 2006.
- OLIVEIRA, Ana Lucia Nascimento. *O sítio Arqueológico Alcobaça, Buíque, Pernambuco: Estruturas Arqueológicas*. Recife (Doutorado em História) UFPE, 2001.
- OLIVEIRA, Claudia Alves; CISNEIROS, Daniela. *Grupos pré-históricos do Sítio Jerimum, região de Xingó – Canindé de São Francisco, SE*. Aracaju: MAX, 2005.
- PARENTI, Fabio; FONTUGNE, Michel; GUÉRIN, Claude. Pedra Furada, Brasil, e sua presumida evidência: limitações e potencial dos dados disponíveis. São Raimundo Nonato: *Fumdhamentos*. v. 1. n.1. 1996.
- POVEDA, Monica Oliva. Los adornos, producto de intercambio de ideas, materias y tecnología. Contactos e influencias entre las comunidades prehistoricas en el Noreste Peninsular entre el VI-IV Milenios a.n.e. *Rubricatum*, Barcelona, n. 5, p. 257-264, 2012.
- RENFREW, Colin; BAHN, Paul. *Arqueología, Teoría, Métodos y Practica*. Madrid: Akal, 2007.
- RIBEIRO, Berta. Bases para uma classificação dos adornos plumários dos índios do Brasil. In: RIBEIRO, B. G. et al. (Orgs.). *Suma Etnológica Brasileira*. São Paulo: Editora Vozes, 1987, p. 189-226.
- RODES, Concepcion Papi. Los elementos de adorno-colgantes em el paleolítico Superior y epipaleolítico: pautas para su estudio tecnológico. *Trabajos de Prehistoria*, Madrid, n. 46, p. 47-63, 1989.
- SANTOS, Adelson. Alterações pós-mortem em esqueletos pré-históricos: contribuições à análise tafonômica de restos esqueléticos humanos do sítio Alcobaça, Buíque-PE, Brasil. *Clio Arqueológica*, Recife, n. 14, p. 87-98, 2000.
- SCHIFFER, Michael Brian. Archaeological Context and Systemic Context. *American Antiquity*. v. 37, n. 2, p. 156-165, 1972.
- SILLAR, Bill. *Shaping culture: marking and constructing household. An Ethoarchaeological study of pottery production trade and use in the Andes*. Oxford: BAR International Series 883, 2000.
- SILVA, Jaciara Andrade; CARVALHO, Olívia Alexandre de; QUEIROZ, Albérico Nogueira. A cultura material associada a sepultamentos no Brasil: Arqueologia dos Adornos. *Clio Arqueológica*, v. 29, n. 1, p. 45-82, 2014.
- SILVA, Jaciara Andrade. *Ambientes funerários e a contribuição para novas leituras arqueológicas: Adornos em sepulturas humanas do Sítio Justino/SE, como evidência do contato Nativo Americano/Europeu*. 2017. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2017.

- SILVA, Jaciara Andrade. *O corpo e os adereços: Sepultamentos humanos e as especificidades dos adornos funerários*. 2013. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2013.
- SILVA, Jacionira Coêlho. *Arqueologia no médio do São Francisco. Indígenas, vaqueiros e missionários*. 2003. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.
- SILVA, Sergio Francisco Serafim Monteiro da. *Arqueologia das práticas mortuárias em sítios pré-históricos do litoral do estado de São Paulo*. 2005. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- VERGNE, Cleonice. *Arqueologia do Baixo do São Francisco estruturas funerárias do Sítio Justino, região de Xingó, Canindé de São Francisco-Sergipe*. 2004. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- VIDAL, Lux. A pintura corporal e a arte gráfica entre os Kayapó-Xikrin do Cateté. In: VIDAL, Lux (Org.). *Grafismo Indígena: Estudos de antropologia estética*. 2. ed. São Paulo: Editoria da Universidade São Paulo, p. 143-190. 2000.